

O DIREITO À VIDA DOS ANIMAIS

ELIZANGELA SOARES MÜLLER¹; KEBERSON BRESOLIN³

¹Universidade Federal de Pelotas1 – muller.elizangela@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – keberson.bresolin@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por expor a questão do especismo (utilidade dos animais irracionais para os animais racionais). Para este argumento ser embasado será utilizado os filósofos Peter Singer com o livro *Libertação Animal* e Tom Regan com o livro *Jaulas Vazias*. Além do livro da professora da Universidade de Massachusetts Melanie Joy *Por que Amamos Cachorros, Comemos Porcos e Vestimos Vacas*. Também estará retratando um pouco da realidade da vida dos animais criados para serem consumidos pelos seres humanos e do uso deles pela ciência além de um pouco da história do começo da legislação animal. A realidade exposta aqui é constituída basicamente nos Estados Unidos da América devido à falta de material que retrate a realidade brasileira.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado através de leituras acerca do direito dos animais. Para o embasamento desse trabalho foram utilizados livros que abordam esse assunto tais como os celebres *Libertação animal* de Peter Singer e *Jaulas vazias* de Tom Regan.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a evolução da espécie humana surge diversas tecnologias que a principal e talvez única beneficiada seja ela mesmo. Para os produtos que vimos nas prateleiras chegarem nos mercados e farmácias ou até mesmo tecnologias usadas pelo governo precisa ser testada. Isso para que não haja nenhum risco para as pessoas ou se ter a possibilidade de algum dano elas estarem cientes do que possa ocorrer. Nesse momento a questão do especismo começa a surgir com a utilização de animais como cobaia.

Para esses testes serem realizados foram selecionados os animais irracionais onde os cientistas somente enxergam um objeto que precisa ser usado e que não tem nenhum tipo de sentimento. Quando pensamos em um experimento científico geralmente pensamos em algo racional e que tenha realmente uma finalidade importante. Mas com investigações descobriu-se que antigamente os cientistas faziam os testes que mais lhe agradavam independentemente se era útil ou não para a ciência. Nos Estados Unidos da América o governo fazia experimentos com radiação em chimpanzés financiado com dinheiro dos contribuintes. Esses por sua vez não tinham noção que o destino do seu dinheiro para o governo era esse, o relato está no livro *Libertação Animal* escrito por Peter Singer que foi escrito a mais de 30 anos. Naquela época não havia questões éticas envolvendo os animais nem uma mensuração em números de quantas cobaias existiam em cada instituição. Inicialmente os testes começaram usando camundongos, mas com resultados ineficientes. A

consequência disso foi a liberação de outras espécies para testes como coelhos, cães entre outros, os principais financiadores dos testes eram empresas privadas. Uma parte desse dinheiro ia para experimentos que favorecessem a empresa. A outra parte iria para a pesquisa de interesse dos cientistas que as vezes modificavam o nome da pesquisa para conseguir mais verba para ela.

Melanie Joy professora de psicologia e sociologia da Universidade de Massachusetts fala que somos ensinados a dividir os animais em dois grupos entre comíveis e não comíveis. Geralmente o que define que animais são de estimação e quais comemos é nossa cultura. Quando falamos para um indiano que comemos vacas ele achara um absurdo pois no país dele vacas são sagradas. Assim como a maioria das pessoas nos Estados Unidos ou Brasil teriam a mesma reação com o consumo de cachorros na Coreia do Sul. Onde filhotes de cachorros são escolhidos ainda vivos para virarem uma apetitosa comida. Muitas pessoas salvam cachorros, cavalos até mesmas vacas ou se sentem comovidos com as situações dos animais, mas Oliver Goldsmith fala: “Elas (pessoas) sentem pena, mas comem o objeto de sua compaixão”. As pessoas com mais poder aquisitivo conseguem dar uma vida melhor para seu companheiro geralmente cão ou gato, mas comem a vaca, porco, ovelha.... Que as vezes tentam salvar ou sentem compaixão. Um exemplo são os veterinários que salvam as vidas dos animais irracionais, mas não são veganos, vegetarianos ou outra denominação que restrinja comer carne.

Peter Singer e Tom Regan argumentam que escolhemos animais irracionais para serem as cobaias por questões de especismo. Que são testes dolorosos em outras espécies com o argumento de que contribuem para o conhecimento e sua possível utilidade para os seres humanos seja na parte de alimentação, vestimenta ou científico. Justificando que esses animais não são como os seres humanos. Porém se levarmos em conta que a fisiologia e a mentalidade não são como as nossas isso abre uma questão. Por que não usamos bebês, deficientes mentais, físicos ou idosos? Se esses também não têm uma capacidade igual a maioria das pessoas em vários aspectos. Muitas das vezes são piores que os animais usados como cobaias em questão de raciocínio e autonomia. Isso somente serve para embasar mais a questão do especismo pois sentimos mais empatia com o que temos contato e nos identificamos.

4. CONCLUSÕES

Com base nas leituras que fiz para a formulação deste artigo percebi o quanto os animais são maltratados desde que nascem. Talvez tudo isso tivera sido diferente se quem tivesse predominado no ocidente fosse os filósofos Plutarco primeiro a defender os animais ou Pitágoras. Este último defende que a alma de um ser humano poderia “reencarnar” em algum animal irracional. Ele era considerado o que chamamos atualmente de vegetariano e quem o seguia também não se alimentava de carne. Certa vez Pitágoras salvou a vida de um cachorro que estava sendo agredido por um grupo de homens, o filósofo argumentou que escutou a voz de um amigo vindo do animal. Diferente de Pitágoras o filósofo Aristóteles que julgava que os animais foram feitos para nos servirem, como se fosse um objeto. E foi ele quem predominou no ocidente com o passar dos séculos René Descartes com suas experiências afirmava que os animais não sentiam dor por não terem alma. Certa vez pregou as patas do cachorro de sua esposa e o dessecou vivo. Mas outros filósofos também defendiam os animais como Voltaire e Rousseau. Apesar de defender eles não

pararam de consumir carne durante a vida, Schopenhauer somente defendia comer carne se fosse necessário para a sobrevivência do indivíduo. E na hora do abate teria que ser indolor para o animal, ele também não parou de consumir carne.

A primeira instituição nos Estados Unidos a defender os animais foi de pessoas vegetarianas. Com uma cultura que adora carne é proibido criticar a indústria da carne e a mídia somente divulga notícias quando os ativistas se envolvem em algo polêmico. Na tv elas se recusam passar comerciais contra o consumo de carne por exemplo a emissora CBS recusou dois milhões para evitar um comercial de ativistas da PETA (Pessoas pelo Tratamento Ético dos Animais) durante o Super Bowl mas passou um comercial antifumo. Além de regularmente essa emissora passa propagandas a favor do consumo de carne. Muitos ainda criticam os veganos, vegetarianos, ovo-lacto-vegetariano.... Tratando-os como aberrações dizendo que consumir carne é algo natural. Regan diz que existe três tipos de pessoas que param de se alimentar de carne os: Vincianos que nascem naturalmente com empatia pelos animais, tem esse nome por causa de Leonardo da Vinci que aos cinco anos parou de comer carne. Damascenos que mudam por causa de uma experiência única e transformadora. E por último os relutantes que aprendem uma coisa depois outra, experimenta um pouco de cada coisa até tomar a decisão final.

Cada vez mais cresce o número de pessoas que param de consumir carne. Seja por empatia com os animais, saúde ou pelos escândalos alimentícios que se tornaram comuns nos últimos anos em diversos países pelo mundo. Mas o problema ainda continua também na parte da ciência onde fazemos animais sofrerem por julga-los inferiores à nossa espécie. Muitos comparam o especismo ao racismo ou ao nazismo no qual os alemães se achavam superiores a todo mundo fazendo parte da raça ariana. Isso fez com que torturassem, fizessem experimentos científicos entre outras coisas com os judeus uma raça segundo eles inferior e que precisava ser extinta. Quando mencionamos o fato do especismo para uma pessoa automaticamente vem a resposta “É para o bem da humanidade” pois milhões de vidas são salvas. Mas ao custo de muito sofrimento, consequentemente se as cobaias são humanas causa indignação e repulsa, pois, há uma identificação com esse ser usado no experimento. Arthur Schopenhauer em seu livro Sobre o Fundamento da Moral argumenta que uma das causas para os animais serem tratados como objetos é a língua. Especialmente a língua inglesa com o pronome it, que é designado para animais, objetos e coisas sem vida. Dando a sensação de que os animais não teriam sentimentos, dor e que moralmente estariam isentos de culpa pelos atos que fizerem aos animais. Outro fator que contribui para os animais continuarem a serem usados é que muitas pessoas enxergam a carne já embalada. Sem sangue e sem nenhum sofrimento, antigamente a palavra carne significava algo solido e não um animal morto. A escritora Alice Walker certa vez disse: “Os animais existem por suas próprias razões. Eles não foram feitos para humanos assim como negros não foram feitos para brancos ou mulheres para homens”.

Em suma os animais racionais têm muito o que evoluir intelectualmente e interromper essa matança que somente se justifica por uma questão de espécie. Já que não é mais necessário comer carne para sobreviver. Pois tem vitaminas e outras formas de substituir a carne sem interferir na saúde e no meio ambiente. Para testes em laboratório segundo a ONU (Organização das Nações Unidas) somos cerca de 7,2 bilhões, nós poderíamos ser as cobaias pois a única espécie beneficiada nos testes que lê foi a *homo sapiens*.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

REGAN, T. **Jaulas Vazias: Encarando o desafio dos direitos animais.** São Paulo: Lugano, 2006.

JOY, M. **Por Que Amamos Cachorros, Comemos Porcos e Vestimos Vacas.** São Paulo: Cultrix, 2014.

SINGER, P. **Libertação animal.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.